

AMÉLIE NOTHOMB

SEDE

Da autora
fenômeno na Europa,
um romance sobre
os últimos momentos
e reflexões de
Jesus Cristo



TUSQUETS EDITORES

Sempre soube que me condenariam à morte. A vantagem dessa certeza é que posso voltar minha atenção àquilo que merece: os detalhes.

Achava que meu processo seria uma paródia de justiça. E, de fato, foi, mas não como eu acreditava. No lugar da formalidade, rapidamente despachada, como havia imaginado, tive direito ao grande espetáculo. O procurador não deixou nada ao acaso.

As testemunhas de acusação desfilaram uma após a outra. Não acreditei no que vi quando me deparei com os noivos de Canaã chegando, meus primeiros miraculados.

— Este homem tem o poder de transformar água em vinho — declarou o marido, com seriedade. — No entanto, esperou o fim do casamento para exercer seu dom. Deleitou-se com nossa angústia e nossa humilhação, enquanto poderia, tão facilmente, ter evitado ambas. Por causa dele, servimos o melhor vinho depois do mediano. Fomos a piada do vilarejo.

Fitei calmamente meu acusador nos olhos. Ele me encarou de volta, seguro de sua justiça e correção.

O oficial real veio descrever a má vontade com que eu havia curado seu filho.

— Como está seu filho agora? — não pôde deixar de perguntar meu advogado, o defensor público menos eficaz que se possa conceber.

— Muito bem. Grande mérito! Com a magia dele, apenas uma palavra basta.

Os trinta e sete miraculados despejaram a roupa suja. O que mais me divertiu foi o exorcizado de Cafarnaum:

— Minha vida se tornou um tédio depois do exorcismo!

O antigo cego se queixou da feiura do mundo, o antigo leproso declarou que ninguém mais lhe dava esmola, o sindicato dos pescadores de Tiberíades me acusou de ter favorecido um grupo em detrimento de outros, Lázaro

contou como era terrível viver com um odor de cadáver que não saía da pele.

Evidentemente, não foi preciso suborná-los, nem mesmo incentivá-los. Todos vieram testemunhar contra mim por vontade própria. Mais de um disse como se sentia aliviado por poder, enfim, desabafar na presença do culpado.

Na presença do culpado.

Não sou tão calmo como aparento. Foi preciso muito esforço para escutar essas ladainhas sem reagir. Todas as vezes, olhei a testemunha nos olhos apenas com uma expressão de doçura espantada. Todas as vezes, encararam-me de volta com soberba, desafiaram-me, mediram-me de cima a baixo.

A mãe de uma criança que eu havia curado chegou ao ponto de me acusar de ter arruinado sua vida.

— Quando o garoto estava doente, ficava quieto. Agora esperneia, grita, chora; não tenho mais um minuto de paz, não durmo mais à noite.

— Não foi a senhora que pediu ao meu cliente que curasse seu filho? — perguntou o defensor público.

— Que curasse, sim, não que o deixasse tão infernal quanto era antes da doença.

— Talvez a senhora devesse ter sido mais específica nesse ponto.

— Mas ele é ou não é onisciente?

Boa pergunta. Eu sempre sei *Τί*, e nunca *Πώς*.¹ Conheço os complementos verbais, nunca os adjuntos adverbiais. Portanto, não, não sou onisciente: vou descobrindo os advérbios aos poucos, e eles me deixam perplexo. Tem razão quem diz que o diabo mora nos detalhes.

Na verdade, não só foi desnecessário incitá-los a testemunhar pela acusação, eles desejaram fazê-lo com ardor. A satisfação com que cada um deles falou contra mim me deixou estupefato. Sobretudo porque isso não era, de modo algum, necessário. Todos sabiam que eu seria condenado à morte.

A profecia nada tem de misteriosa. Eles conheciam meus poderes e podiam constatar que não me servi deles para me salvar. Não tinham, portanto, nenhuma dúvida a respeito da resolução do caso.

1. “O quê” e “como”. (N.E.)

Por que insistiram em me infligir uma infâmia tão inútil? O problema do mal não é nada se comparado ao da mediocridade. Durante os depoimentos, eu percebia o prazer deles. Gozavam por se comportar como miseráveis diante de mim. Sua única decepção foi que meu sofrimento não era mais evidente. Não que eu quisesse privá-los dessa volúpia, mas meu espanto era muito maior do que minha indignação.

Sou um homem, nada que é humano me é estranho. Entretanto, não entendo a natureza daquilo que os dominou no momento de vociferar aquelas abominações. E considero minha incompreensão um fracasso, um erro.

Pilatos havia recebido instruções a meu respeito, e eu via seu descontentamento; não porque eu lhe fosse minimamente simpático, mas porque as testemunhas provocavam o homem racional que existia nele. Minha estupefação o confundiu, ele quis me oferecer a oportunidade de contestar aquela torrente de tolices.

— Acusado, tens alguma coisa a dizer? — perguntou-me, com a expressão de um ser inteligente que se dirige a um par.

— Não — respondi.

Ele balançou a cabeça, parecendo pensar que de nada adiantava estender a mão a quem se desinteressava tanto pela própria sorte.

Na verdade, não disse nada porque tinha coisas demais a dizer. E, se tivesse falado, não teria sido capaz de esconder meu desprezo. Senti-lo me atormenta. Fui homem por tempo suficiente para saber que certos sentimentos não se reprimem. É importante dar vazão a eles sem procurar contrariá-los: é assim que não deixam nenhum rastro.

O desprezo é um demônio adormecido. Um demônio que não age, não tarda a se destruir. Quando se está no tribunal, as palavras têm valor de atos. Calar meu desprezo era o mesmo que impedi-lo de agir.

Pilatos consultou seus conselheiros:

— A prova de que esses testemunhos são falsos é que nosso homem não exerce magia alguma para se libertar.

— Também não é esse o motivo pelo qual exigimos sua condenação.

— Eu sei. Peço apenas que seja condenado. Só não gostaria de ter a impressão de fazê-lo por bobagens!

— Em Roma, o povo precisa de pão e circo. Aqui, precisam de pão e de milagres.

— Bom, se é política, não me incomoda mais.

Pilatos se levantou e declarou:

— Acusado, serás crucificado.

Gostei de sua economia de linguagem. O gênio do latim nunca comete um pleonismo. Teria detestado que dissesse: “Serás crucificado até a morte”. Uma crucificação não tem outro desfecho possível.

Mas ouvir isso de sua boca causou impacto. Olhei para as testemunhas e senti seu incômodo tardio. No entanto, todas sabiam que eu seria condenado e foram bastante zelosas a ponto de contribuir ativamente para essa sentença. Agora, elas fingiam achá-la excessiva e estar chocadas pela barbárie do procedimento. Algumas tentavam encontrar meu olhar para se desvincular do que iria acontecer. Desviei os olhos.

Não sabia que morreria assim. Não era uma novidade qualquer. Pensei, primeiro, na dor. Minha mente se esquivou: não se pode apreender semelhante sofrimento.

A crucificação é o que se reserva aos crimes mais vergonhosos. Eu não esperava essa humilhação. No entanto, era o que haviam pedido a Pilatos. Era inútil se perder

em conjecturas: Pilatos não havia se oposto. Ele devia me condenar à morte, mas poderia ter escolhido a decapitação, por exemplo. Em que momento o exasperei? Sem dúvida quando não neguei os milagres.

Eu não podia mentir: esses milagres eram, de fato, obra minha. E, contrariamente ao que as testemunhas afirmavam, eles me haviam custado esforços extraordinários. Ninguém jamais me ensinara a arte de realizá-los.

Então, tive um pensamento engraçado: ao menos, esse suplício que me esperava não exigiria de mim nenhum milagre. Bastava que me deixasse levar.

— Vamos crucificá-lo hoje? — alguém perguntou.

Pilatos se questionou e olhou para mim. Ele deve ter percebido que estava faltando alguma coisa, pois respondeu:

— Não. Amanhã.

Quando fiquei sozinho na cela, soube o que ele gostaria que eu sentisse: medo.

Ele tinha razão. Até aquela noite, eu não sabia realmente o que era o medo. No Jardim das Oliveiras, na véspera de minha prisão, foi a tristeza e o desamparo que me levaram às lágrimas.

Agora, eu descobria o medo. Não o medo de morrer, que é a abstração mais comum, mas o medo da crucificação: um medo muito concreto.

Tenho a convicção incontestável de ser o mais encarnado dos humanos. Quando me deito para dormir, essa simples entrega me causa um prazer tão grande que preciso me conter para não gemer. Tomar o mais humilde

ensopado ou beber água, mesmo que não esteja fresca, arrancariam-me suspiros de volúpia se eu não me controlasse. Já me aconteceu de chorar de prazer ao respirar o ar da manhã.

O oposto também é verdadeiro: a mais insignificante das dores de dente me aflige mais do que o normal. Lembro-me de maldizer minha sorte por conta de uma farpa. Escondo tanto essa natureza dolorida quanto a anterior: isso não se enquadra com o que devo representar. Um mal-entendido a mais.

Em trinta e três anos de vida, pude constatar: o maior feito de meu pai é a encarnação. Que uma potência desencarnada tenha tido a ideia de inventar o corpo permanece um golpe de mestre. Como o criador não seria ultrapassado por essa criação cujo impacto ele não compreendia?

Tenho vontade de dizer que é por isso que ele me concebeu, mas não é verdade.

Teria sido um bom motivo.

Os humanos reclamam, com razão, das imperfeições do corpo. A explicação é óbvia: de que valeria uma casa

desenhada por um arquiteto que não tivesse residência? Só se atinge a excelência naquilo que se pratica no dia a dia. Meu pai nunca teve corpo. Para um leigo, acho que se saiu muito bem.

Meu medo desta noite foi uma vertigem física com a ideia daquilo que estava prestes a suportar. Espera-se que os supliciados se mostrem à altura. Quando não urram de dor, fala-se de sua coragem. Suspeito de que se trate de outra coisa: verei o quê.

Eu temia os pregos que atravessariam minhas mãos e meus pés. Era estúpido: havia certamente sofrimentos muito mais intensos. Mas esse, ao menos, eu podia imaginar.

O carcereiro me disse:

— Tenta dormir. Amanhã, vais precisar de toda energia.

Diante do meu ar irônico, ele recomeçou:

— Não rias. É preciso ter saúde para morrer. Estás avisado.

Exato. Além disso, era a minha última chance de dormir, algo que tanto aprecio. Tentei, deitei-me no chão, entreguei meu corpo ao repouso: ele não quis saber de mim. Cada vez que fechava os olhos, em vez do sono eu encontrava imagens aterrorizantes.